

## ***Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. Uma análise de gênero***

---

*Miridan Britto Knox Falci e  
Hildete Pereira de Melo*

### *1. A delimitação do objeto*

Desde que Michelle Perrot (1984), a iniciadora do estudo das mulheres, indagou se era possível fazer a “história das mulheres”, surgiram, na mente dos teóricos historiadores, questões que inquietavam o seu fazer. Como isolar em um campo específico, único, fechado, uma parte da sociedade humana? E por quê? Homens e mulheres não tinham construído a História juntos? Homens e mulheres não faziam parte da História da Humanidade?

A partir desse questionamento sobre o que seria específico numa história das mulheres, percebeu-se que embora ela tivesse estado ali, ao lado do homem, como mãe e filha dos grandes vultos e heróis da História, ela não fora notada nem anotada, mencionada, estudada. Era uma categoria de análise quase invi-

sível; existia, mas não se sabia como, quando, onde e por quê. Por exemplo, desconhecia-se quantas eram as mulheres que haviam vivido na Grécia ou em Roma, que parte do trabalho faziam quando eram camponesas, comerciantes (em Esparta, por exemplo), como agiam frente aos costumes da época, como se organizavam, como decidiam situações, como enfrentavam as perseguições ou pressões dos homens, como ampliaram o conhecimento do seu grupo social (acredita-se, por exemplo, que foi a mulher a possível descobridora da agricultura pela observação da germinação das sementes e pela acuidade de repetição do mesmo ato) e, principalmente, como “fizeram a História”. Elas tinham sido as musas inspiradoras de vários homens, tinham sido escravas, rainhas, prostitutas, pintoras, poetas, mas não se conhecia muito sobre o que elas pensavam de si ou de seus semelhantes, das leis, dos governos, da religião, de Deus. Talvez até nem pensassem. Não tinham cérebro ou o possuíam em proporções inferiores ao dos homens, diziam os médicos do século XVIII.<sup>1</sup> Sabia-se, sim, que elas tinham corpos feitos para a sedução e, principalmente, úteros. E com eles, elas davam à luz, seduziam e cumpriam a missão a que estavam destinadas – a multiplicação da espécie humana. E esse discurso da inferioridade intelectual da mulher atravessou a Idade Média pela imposição que se lhes fez de não se expressarem, e caminhou por toda a Idade Moderna montando guarda, empunhando restrições ao comportamento das mulheres (ver Mexias, 2001). É claro que essa marginalização da História não foi apenas uma questão feminina. Crianças, na época romana, eram abandonadas pelos pais quando não lhes agradavam; também pobres, enfermos, velhos e estrangeiros, em muitas sociedades, foram excluídos, penalizados com trabalhos subalternos ou mesmo sacrificados (ver Marcílio, 1999). Mas, como tais, não foram estudados. Estudavam-se os senhores, mas não os escravos; os barões, mas não os criados. Talvez a psicologia humana não conseguisse perceber que ricos e pobres são frente e verso de uma mesma moeda, que ambos precisam da existência do outro para confirmar a unicidade, e que homens e mulheres formam a identidade humana.

Por outro lado, foram os antropólogos que, visitando outras sociedades ditas “primitivas”, passaram a perceber que o papel das mulheres em outras sociedades diferia daquele existente na nossa. Quando Margareth Mead (1971), estudando os *arapeches*, nas ilhas da Indonésia, concluiu, na década de 1930, que as identidades homem e mulher são construídas culturalmente, abriu-se uma grande perspectiva de estudos para a categoria feminina.

O interesse pelo estudo do tema *mulheres* a partir dos anos 1970 repercutiu em todos os programas de pós-graduação em história, contribuindo para a formação dos núcleos de estudos e pesquisas nas universidades, propiciando a ampliação da produção científica sobre esse tema específico e integrando aos assuntos estudados a perspectiva de gênero para tratar as questões regionais.

Das primeiras explicações teóricas sobre a condição feminina, que buscavam as origens históricas para entender as desigualdades e/ou a caracterização do sujeito “mulheres” no processo histórico, emergia um falso crédito aos termos universais e naturalizados, nos quais sempre fora visto esse sujeito. Muitos estudos e teses tentaram avançar, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, especialmente na escola inglesa de estudos de história social e na França, no conceito do que estudar na “história das mulheres”. Mas, com a elaboração da categoria *gênero*, outras categorias de análise, como classe, sexo, etnia e geração se foram aliando e favoreceram outras leituras das relações sociais e de suas significações, ao produzir múltiplas combinações.<sup>2</sup>

Hoje, têm-se pesquisas sobre gênero e identidade, simplesmente, ou sobre a representação política do gênero feminino nas direções sindicais, sobre as relações de trabalho que envolvem as mulheres, seja no campo ou nas empresas. Podem-se ter estudos sobre gênero e conflitos de terra, estudando-se a violência no campo, pode-se estudar a poesia feminina e seu simbolismo em relação aos papéis sociais femininos ou aos fatos históricos. Atualmente, podem-se estudar as mulheres não apenas na sua sexualidade (como nos primeiros trabalhos da década de 1970), mas em todas as atuações nas quais estejam envolvidas.

Assim, após essa descoberta da “ausência”, começaram a surgir muitos trabalhos. E com essa efervescência nos estudos sobre as mulheres, parece que as preocupações com as questões feministas impuseram limites à abordagem histórica sobre elas. Para as feministas, esses estudos só poderiam ser feitos na busca de identificação da marginalidade, do sofrimento, dos preconceitos que as mulheres têm sofrido por séculos.<sup>3</sup>

Após trinta anos de pesquisa e estudo, a história das mulheres, no Brasil, procura um novo foco de análise e confronto, e atinge um novo impasse conceitual: a análise da mulher de elite e da mulher escrava conduziria a quê? Apenas à contestação de sua marginalização histórica, ao idêntico conhecimento de seu afastamento da vida pública? À reafirmação de sua vida em família? À reafirmação das visões sobre seu sexo?

Julgamos que um estudo das mulheres como categoria de análise histórica pode conduzir a patamares muito mais expressivos e amplos. Pode mesmo alargar o horizonte da ciência histórica, pode levar o historiador a interpretar e perceber outros paradigmas, outros modelos, outras situações em que o sexo masculino teve de viver. Por esses novos cortes, podem-se confrontar situações políticas e econômicas; pode-se adivinhar o porquê do surgimento de tais ou quais leis.

Este trabalho pretende resgatar os papéis femininos entremeados de situações econômicas, sociais e culturais do Brasil imperial. Trata-se da busca da representação feminina de Eufrásia Teixeira Leite, sinhazinha do fim do século,

identificando como ela se viu ou foi vista, como agiu, como foi excluída ou dominante. O recorte temporal – a passagem do século XIX para o XX –, o recorte espacial – a região agroexportadora fluminense, especialmente o município de Vassouras – e a utilização de documentação específica são os eixos que dão sustentação a este trabalho. Sua relevância principal está na busca de reconstruir a sociedade escravista sul-fluminense a partir da observação da categoria social de análise: uma mulher da elite.

Vassouras, por ter sido o mais rico município do Brasil imperial, onde conviveram, com grandes tensões, um expressivo contingente escravo e uma população rica e detentora de um modo de vida específico, apresenta um contexto interessante para análise. Este trabalho envolve-se nesse novo quadro teórico de construção de uma identidade feminina na sociedade novecentista.

Utilizamos conceitos de Badinter (1980 e 1993), para quem a identidade de gênero é diferente da de sexo. Esta última tem a ver com o lado biológico, os órgãos genitais, enquanto a categoria gênero forma-se a partir do sentimento e da convicção que se tem de pertencer a um sexo, sendo pois uma construção social, cultural dos papéis sexuais exercidos por mulheres e homens (ver Passos, 1999: 19-32).

A forma como homens e mulheres se vêem, como eles se identificam, longe de ser fixa e permanente, é construída historicamente. Vai sendo, através dos diversos momentos históricos, construída e assumida diferentemente, a depender das circunstâncias, das associações que fazem com o grupo, das representações coletivas e da ideologia dominante, entre outros. A identificação de um determinado perfil com os papéis assumidos, comportamentos que devem ter, sonhos, desejos e expectativas são *construtos* sociais e históricos.

Desejamos perceber a figura de Eufrásia Teixeira Leite e, *em última análise*, acrescentar estudos à descoberta dos inúmeros papéis sociais que as mulheres tiveram no século passado. Às vezes, é numa abordagem aparentemente tão banal quanto uma biografia que se compreendem, num estudo de caso, os papéis sociais que homens e mulheres possuíram em nossa cultura.

## 2. A *sinhazinha* Eufrásia

A hipótese deste artigo é que, revendo-se a trajetória de vida de mulheres ricas no século XIX, na sociedade brasileira, pode-se perceber que a posse de patrimônios por essas mulheres<sup>4</sup> levou a que elas pudessem exercer poder sobre suas próprias vidas, fugindo do tradicional papel feminino. Esse foi o caso de Eufrásia Teixeira Leite, neta dos poderosos barões de Itambé e de Campo Belo, ambos de Vassouras (RJ). Sua trajetória de vida expressa nitidamente o fato de que a riqueza podia mudar o tratamento que a sociedade oferecia a algumas mulheres.

A sociedade brasileira, em meados do século XIX, preservava a herança institucional da cultura misógina ibérica, particularmente aguda no mundo lusitano, que demarcava os limites institucionais para a atuação das mulheres, fossem da elite proprietária, fossem do povo. As mudanças processaram-se de forma muito lenta, e o estatuto jurídico e social da mulher permaneceu praticamente inalterado até o século XX (Melo e Marques, 2001). No entanto, as pesquisas revelam que o universo das práticas sociais que envolviam a questão dos direitos da mulher é mais plástico do que os termos estritos da legislação, e o exemplo da sinhazinha fluminense Eufrásia Teixeira Leite é paradigmático dessa questão.<sup>5</sup> Ela viveu de forma diferente da maioria das mulheres de sua época: a perda dos pais transformou Eufrásia e sua irmã Francisca Bernardina em herdeiras de uma fortuna acumulada pelo pai e sua família. A morte de sua irmã em 1899, sem filhos, fez de Eufrásia a única herdeira daquele patrimônio familiar. Jamais se casou, e administrou seus bens com notável talento, multiplicando seu patrimônio durante sua longa vida (Catharino, 1992; Machado, 1994). O usufruto da riqueza garantiu-lhe a emancipação econômica.

Este artigo recupera dois momentos de sua vida: seu acesso à fortuna filial em 1872 e sua viagem para a França, onde firma sua vontade de ser dona de seu destino, e seu final de vida, quando deixou sua fortuna para os desvalidos de Vassouras, local de seu nascimento e origem de sua fortuna. Uma pequena parcela da fortuna foi deixada em testamento para os pobres de Paris, capital do mundo naquela época, onde viveu por mais de quarenta anos, e cenário de sua ação como bem-sucedida rentista.

### *3. O contexto familiar*

Eufrásia Teixeira Leite nasceu em berço de ouro no dia 15 de abril de 1850, em Vassouras (RJ), vale do Paraíba fluminense, no momento do auge da cafeicultura naquela região. Era neta, pelo lado paterno, do barão de Itambé (Francisco José Teixeira) e, pelo materno, do barão de Campo Belo, da família Correa e Castro (Laureano). Seu pai, Joaquim José Teixeira Leite (1812-1871), advogado, diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi um grande comissário de café, atuando na compra/venda e financiamento da lavoura cafeeira regional (Ferreira, 1984; Sweigart, 1987). Sua mãe, Ana Esméria Correa e Castro, descendia da poderosa família Correa e Castro, possuidora da fazenda Secretário. As duas famílias chegaram às terras fluminenses vindas de Minas Gerais, enriquecidas com a exploração aurífera dessa região, cuja colonização foi impulsionada pela abertura do Caminho Novo de Garcia Rodrigues, na rota do ouro das Gerais no século XVIII, e pela abertura da Estrada da Polícia, que ligava Cuiabá ao Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XIX. O surgimento da povoação que

dará origem a Vassouras deve-se ao traçado dessa estrada. Joaquim José Teixeira Leite e seus irmãos foram fazendeiros de café, sendo que ele, por sua formação universitária, dedicou-se ao comércio na Casa Comissária Teixeira Leite & Sobrinhos. Ele é considerado pela historiografia um dos maiores incentivadores do desenvolvimento ferroviário nacional, pela sua ação na criação da Estrada de Ferro Pedro II, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo. Foi comendador da Ordem da Rosa, membro destacado da Câmara Municipal de Vassouras e representou, durante várias legislaturas, os interesses de Vassouras na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro. O casal Joaquim José e Ana Esméria tiveram três filhos, duas meninas e um menino, este morto na infância. Eufrásia foi a caçula do casal. Educada no ambiente refinado que dominava os salões de Vassouras nos anos dourados do café na região, estudou numa escola para moças, da francesa Madame Grivet, em Vassouras, localidade de Comércio, hoje Sebastião Lacerda. Aprendeu a ler e escrever, e também línguas estrangeiras e piano, como era a moda nesse tempo. As mulheres da elite eram educadas com ilustração para a vida da corte, como seu *status* social exigia. Eufrásia foi, dessa forma, um modelo de sinhazinha bem comportada e educada nos padrões da época.

Não há na documentação encontrada nenhum registro do motivo por que seu pai, ao contrário do que era costume, não acertara o matrimônio para suas filhas, já que dinheiro para o dote não era questão, e prestígio da família também não. Assim, no início dos anos 1870, Francisca, com mais de 25 anos, e Eufrásia, com vinte, eram para a época – quando as moças se casavam muito jovens – relativamente velhas para o matrimônio (Nazzari, 2001: 222). Sua mãe faleceu no ano de 1871 e, no ano seguinte, adveio a morte do pai. A perda de ambos causou em Eufrásia um grande choque emocional e fez dela e de sua irmã as únicas herdeiras da fortuna acumulada pelo pai e também herdada pela mãe. Em 1873, o inventário de sua avó, a baronesa de Campo Belo, agrega mais fortuna às duas irmãs.<sup>6</sup> Ricas, independentes, educadas para viver em salões refinados e maiores de idade, Francisca e Eufrásia decidem viajar para Paris.

Muito se tem especulado a respeito da fortuna herdada pelas irmãs Teixeira Leite. Assevera-se que o tino comercial do seu pai levou-o a pressentir a decadência da lavoura de café em Vassouras; assim, ele se tinha desfeito premonitoriamente de suas lavouras, ainda no período áureo da região. Esta pesquisa não corrobora essa versão, pois Joaquim José Teixeira Leite provavelmente nunca foi um proprietário de fazendas de café, mas um político, comerciante e financista da praça cafeeira do Rio de Janeiro. É claro que a origem do seu capital eram os negócios de café, pois os Teixeira Leite e a família Correa e Castro, de sua mulher Ana Esméria, eram possuidores de inúmeras propriedades, escravaria, e eram grandes cafeicultores.<sup>7</sup> Mas, como o objeto de nosso estudo é a compreensão de como se constituiu a fortuna de Eufrásia Teixeira Leite, precisa-se verificar a

composição da fortuna deixada por seu pai. Esta, como está descrita no testamento e posterior inventário, era composta de apólices de títulos da Dívida Pública do Empréstimo Nacional de 1868,<sup>8</sup> ações do Banco do Brasil,<sup>9</sup> depósitos bancários, casas, um pequeno plantel de escravos e um passivo oriundo de sua casa comissária, abaixo discriminado. O monte desse inventário perfazia o valor de 767:937\$876. Em seu testamento, Joaquim José Teixeira Leite declarava que “se tiver falecido sem descendentes uma das minhas filhas poderá, esta nesse caso dispor, por sua morte, de toda a herança da Terça, como lhe aprouver”.

Por ocasião da abertura do testamento e inventário de Joaquim José Teixeira Leite, datado de Vassouras, 6 de maio de 1873, as duas irmãs declararam

que foram instituídas como herdeiras legítimas das duas terças partes de sua meação, mas também como herdeiras testamentárias em partes iguais para cada uma, da sua terça livre, com a cláusula essencial de usufruto vitalício de emprego em fundos públicos inalienáveis, e da transmissão sucessiva a vários substitutos como tudo consta do testamento. (Inventário de Joaquim José Teixeira Leite, 1972)

Vejamos como se processou a partilha daquele monte. Coube como legítima à herdeira Eufrásia o seguinte:

Cinco apólices do Empréstimo Nacional de 1868 no valor de um conto e oitenta réis, perfazendo 5:400\$000; cem ações do Banco do Brasil à razão de 250 mil réis cada uma no total de 25:000\$000; metade dos juros vencidos nas apólices do Empréstimo Nacional no total de 3:360\$000; metade dos juros vencidos nas ações do Banco do Brasil no total de 800\$000; no depósito no Banco do Brasil no valor de 59:395\$863; na metade das dívidas dos abaixo relacionados:

Joaquim Teixeira de Castro no valor de 38:712\$130, Joaquim Gomes Pimentel no valor de 31:608\$330, Manuel Antônio Esteves no valor de 28:981\$945, João Leite Pinto no valor de 5:599\$480, Batista Caetano Teixeira de Almeida no valor de 5:493\$450, herdeiros de Antônio Felis de Melo no valor de 4:790\$150, Pedro Pinheiro Paes Leme no valor de 4:554\$880, Carlos Caetano Alves no valor de 4:438\$405, Viúva Francisco Assis Alves no valor de 4:211\$350, João Pedro Teixeira Coelho no valor de 3:629\$870, Joaquim Roiz de Aquino Filho no valor de 3:352\$235, Joaquim Ascênio Cintra de Sá no valor de 2:949\$372, Domingos Antônio da Paixão no valor de 2:238\$490, Leandro de Souza Freitas no valor de 2:220\$400, da dívida de herança dos meus pais 1:000\$000, José Maria Vilaronga no valor de 978\$980, Augusto Perret no valor de 902\$620, Manuel Joaquim da Silva no valor de

684\$097, Francisco Leite e Sobrinho e legítima no valor de 493\$830, Cristovão Correa e Castro no valor de 90\$000, Geraldo Alves da Silva no valor de 30\$000.

Na metade do valor da casa de morada com a mobília 6:000\$000, na metade da casa da rua da Câmara no valor de 500\$000, no dinheiro existente em poder do senhor João Evangelista Teixeira Leite no valor de 4:810\$378, na metade do dinheiro em caixa no valor de 653\$045.

Na escrava Afra 1:000\$000, no escravo Tobias 1:000\$000, no escravo Januário 600\$000, na escrava Madalena 300\$000, na escrava Alda 200\$000.

Perfazia o quinhão de Eufrásia o total de 255:979\$292, que, acrescido da metade da Terça, no valor de 127:989\$646, atingia 383:968\$938. A legítima de Francisca Bernardina estava discriminada em valores equivalentes. Assim, Eufrásia, com o falecimento de Francisca Bernardina, sem testamento, em 1899, tornou-se herdeira de todo o espólio.

Na documentação examinada, não foi encontrada nenhuma observação de que o dr. Joaquim José Teixeira Leite tenha sofrido de longa enfermidade. Pelo contrário, tendemos a pensar que seu falecimento aconteceu de repente ou decorreu de uma moléstia, que provocou sua morte em pouco tempo. Assim, seu testamento e posterior inventário possibilitam uma análise de suas atividades como comissário de café.

O inventário do dr. Joaquim José permite entender a trajetória das irmãs Teixeira Leite ao longo das décadas seguintes. Vejamos, a primeira observação refere-se a que seu patrimônio era grande: equivalia à dotação recebida naquele ano pelo imperador D. Pedro II do Tesouro Nacional (Relatório do Ministro da Fazenda, 1872) e correspondia a cerca de 5% das receitas do imposto de exportações do Império do ano de 1871/72 (Nogueira, 1988). Não havia fazendas nem cafezais, e como bens imóveis, apenas a chácara de Vassouras (atualmente conhecida como a Casa da Hera) e uma casa na mesma cidade. A segunda refere-se a que a legítima de cada uma de suas filhas correspondia a 57,4% de créditos a receber. Embora a lista seja composta de apenas vinte devedores, três deles respondiam por 68% desse montante. Essa era uma herança que envolvia muitos perigos, pois créditos a receber implicam uma ação energética das titulares ou de seu representante para que sejam honrados. Como os credores eram familiares das irmãs, tudo indica que foram efetivamente pagos ou negociados. É claro que Joaquim José era um sócio da Casa Comissária Teixeira Leite & Sobrinhos, assim provavelmente esse capital representava sua parte na sociedade. Seu irmão João Evangelista era também um poderoso banqueiro, tendo sido diretor do Banco Rural

Hipotecário. Não é à toa que ele aparece como guardião de quase 12 contos de réis em espécie. Portanto, a família se dividiu entre os que tocavam os negócios com a terra e os que se transformaram em comerciantes e financistas. Essa tradição parece ter influenciado profundamente Eufrásia e ter guiado seus passos no trato com o dinheiro.

#### *4. A emancipação*

A posse da herança paterna e materna define um novo rumo na vida das duas irmãs, que, provavelmente, seguindo o sonho dos bem nascidos e letrados brasileiros, desejavam morar em Paris. Elas partem, em 1873, a bordo do vapor *Chimborazo*, para a França.<sup>10</sup> O afastamento das duas da cidade de Vassouras e da vida provinciana foi facilitado pelo fato de o patrimônio paterno e materno não possuir fazendas de café e escravaria que precisassem ser administradas de perto. Ao contrário, esse patrimônio era composto de títulos e ações, e créditos em mãos de terceiros que podiam ser gerenciados com informações e de maneira mais solitária. É claro que essa administração era possibilitada pelas inovações tecnológicas no setor de comunicações, que revolucionaram o comércio mundial no século XIX (a máquina a vapor e o telégrafo), e por um administrador e agenciador de confiança, cobrador dos credores de seu pai. Assim, as Teixeira Leite puderam, morando em Paris, ingressar nos negócios da bolsa de valores. É preciso esclarecer que o testamento paterno tinha cláusulas de inalienabilidade, estabelecendo apenas o direito ao usufruto da terça pelas herdeiras; isso permite a interpretação de que Joaquim José Teixeira Leite era extremamente receoso de um casamento desastroso por parte de suas filhas, que levasse a dilapidar os bens deixados por ele.

As últimas décadas do século XIX foram palco de uma grande euforia no mundo financeiro e uma etapa decisiva na internacionalização do capital. A atuação de Eufrásia e Francisca no mundo dos negócios pode ser ressaltada pela enorme documentação encontrada nos arquivos de Vassouras.<sup>11</sup>

Já em 1879, encontramos documentação referente a decisões econômicas tomadas pelas Teixeira Leite ao adquirirem Apólices do Empréstimo Nacional lançadas pelo governo imperial brasileiro naquela data, seguindo o exemplo paterno do final da década de 1860, quando foi tomador do empréstimo de 1868. Em 1886, no Consulado da Embaixada do Brasil na França, ambas nomeavam e davam plenos poderes através de procuração ao Banco do Brasil na cidade do Rio de Janeiro

para receber e dar quitação na Caixa de Amortização dos juros das Apólices da Dívida Pública e as do Empréstimo Nacional de 1868 e 1879, dos dividendos de ações do mesmo banco, da Compa-

nhia Fidelidade, da Associação Protetora das Famílias, receber os rendimentos a que tem direitos, fazer entradas e retirar dinheiro de suas contas correntes no mesmo banco, no Banco Industrial Mercantil do Rio de Janeiro ou outro qualquer banco.

Pelo mesmo instrumento o banco podia

requerer no Tesouro Nacional a restituição da caução de Apólices do Empréstimo Nacional de 1868 que se acham no Tesouro como fiança prestada pelo falecimento do pai das outorgantes, dr. Joaquim José Teixeira Leite, ao falecido ex-tesoureiro da Corte, Luís Antônio Nogueira de Morais e transferi-las para o nome delas outorgantes como únicas herdeiras de seu falecido pai. (Inventário de Joaquim José Teixeira Leite, 1972).<sup>12</sup>

Entre 1874 e 1928, Eufrásia viveu em Paris com apenas duas estadias no Brasil no período. Na capital francesa, viveu num palacete na rua Bassano, 40, (8<sup>o</sup> Arr<sup>o</sup>) no centro financeiro/comercial da cidade, próximo ao Arco do Triunfo, zona nobre da capital. Em 1884, Eufrásia e sua irmã já residiam nesse endereço. Atualmente, nesse número encontra-se um edifício de seis andares, visivelmente uma construção do século XX. Mas, um palacete vizinho desse número guarda ainda o que deveriam ser as características do palacete de Eufrásia. É uma construção neo-clássica, frontão triangular, porão, dois andares e sótão, destacando-se no primeiro andar os balcões com gradil de ferro artisticamente trabalhados e telhado de ardósia. Segundo testemunho de sua mucama Cecília Bonfim, até sua morte, a mansão tinha cinco andares e era a única casa da rua que tinha jardim com estufa e uma cascata. No terreno de mesmo número, a atual edificação conserva ainda um pequeno jardim, e assim podemos concluir que essa mansão ilustra o que deveria ser a residência de Eufrásia na sua vivência em Paris. Seu testamenteiro para os bens na Europa, dr. Raul Fernandes, provavelmente vendeu o palacete nos anos 1930 para cumprir as disposições explicitadas no testamento. Nessa cidade, pouco se sabe sobre sua vida, mas a historiografia brasileira registra que elas tinham uma vida recatada.

Como era de praxe nas famílias da elite, Eufrásia e Francisca participaram de uma sociedade beneficente, como sócias benfeitoras com a contribuição de dez mil francos para a “Sociedade de Beneficência Brasileira, em Paris”. Essa sociedade foi criada em 7 de setembro de 1880 pelo conde d’Eu, marido da princesa Isabel, com a finalidade de amparar brasileiros desvalidos no território francês. Assim, observa-se que as irmãs Teixeira Leite desfrutavam de prestígio social e tinham ligações com a família imperial.

Depois da morte de sua irmã em 1899, foi possível encontrar alguns registros de Eufrásia como negociante. Segundo testemunho de Justino de Moraes

Sarmiento, Eufrásia possuía grande visão financeira; tinha em sua residência um aparelho telefônico, através do qual estabeleceu uma linha direta com a Bolsa de Valores de Paris. Pressentindo a eclosão do conflito entre Alemanha, Inglaterra e França em 1913, comprou grande quantidade de anilinas alemães, vendendo-as em seguida para o Brasil, obtendo um lucro extraordinário. Essa operação é exemplar para demonstrar que, nos negócios, Eufrásia teve ao longo do tempo uma ligação permanente com o Brasil. Ainda segundo Cecília Bonfim, Eufrásia acordava cedo e sentava-se na escrivaninha para trabalhar, escrevendo cerca de quarenta cartas por dias: "(...) eu me sentava ao seu lado e ia só botando selo". Esse testemunho leva-nos a pensar que uma correspondência diária tão volumosa não era apenas de obrigações sociais, mas refletia uma condução de negócios, como veremos mais adiante, na análise de seus últimos meses de vida, em 1930.

O sucesso de Eufrásia como rentista e pioneira na gestão de um *portfolio* de títulos e ações foi notável. Isso pode ser verificado pela leitura de seu testamento. Ao morrer, em 1930, sua fama de mulher rica era tão expressiva, que a sua qualificação no atestado de óbito dava como profissão milionária. Seus bens inventariados somam um monte de cerca de oito mil contos de réis, para um patrimônio herdado pelas duas irmãs de aproximadamente oitocentos contos de réis, praticamente em forma financeira, além apenas da Chácara da Hera, da Chácara Calvet e de uma casa na rua Américo Brasileiro (todos esses imóveis na cidade de Vassouras).<sup>13</sup>

### *5. A riqueza de Eufrásia*

Nos anos 1920, ao vir residir no Brasil com mais de 75 anos, Eufrásia ainda era uma mulher de negócios e senhora de seu destino. As terras de Copacabana estavam extremamente valorizadas, o famoso Hotel Copacabana tinha acabado de ser construído, e ela idealizou um empreendimento imobiliário naquele bairro. Seu faro comercial indicava que esse seria um ótimo negócio, e a crise mundial que dilapidou tantas fortunas no rastro da crise da Bolsa de Nova York (outubro de 1929) comprovou seu acerto. Assim, comprou naquele bairro uma grande área, na rua 4 de Setembro, número 40, atualmente rua Pompeu Loureiro.<sup>14</sup> Eufrásia contratou um serviço de engenharia para lotear essa gleba, denominada de Travessa Santa Leocádia, composta de 49 lotes residenciais. Ao morrer, em setembro de 1930, esse negócio começava a ser implementado, sendo que o primeiro lote havia sido vendido um pouco antes de sua morte, e a conclusão da venda foi finalizada pelo seu inventariante (Inventário de Eufrásia Teixeira Leite, 1930: 4).

Seu *portfolio* estava composto de títulos e ações de uma grande diversidade de empresas e governos, dos setores econômicos de ponta do desenvolvi-

mento mundial, tais como estradas de ferro, exploração de jazidas e minas de ouro, diamantes, carvão, ferro e petróleo. Manufaturas agroindustriais, como açúcar, cacau e café, manufatura têxtil, como a do linho e algodão, indústrias de infra-estrutura e serviços públicos, como portos e energia elétrica, transporte urbano e, finalmente, ações de companhias bancárias, além de títulos da Dívida Pública de estados e cidades. Antes de 1930, a aplicação nesses títulos na economia brasileira era um negócio muito vantajoso. Abreu (1985) afirma que “(...) para os credores como um bloco as aplicações em títulos brasileiros foram um excelente negócio quando comparadas com as clássicas aplicações conservadoras alternativas”. Do ponto de vista empresarial, o fato de Eufrásia ter uma grande parte de sua fortuna aplicada nesses títulos públicos demonstra seu tino como financista. Essa diversificação, como estratégia empresarial, pode ser melhor ilustrada pela citação feita pelo embaixador Maurício Nabuco (filho de Joaquim Nabuco):

Raul Fernandes pediu ao embaixador Mauricio Nabuco que lhe remetesse o remanescente do espólio de Eufrásia no Chile. Tratava-se de apólices chilenas que como as russas e suecas eram papéis *gilt edye securities*, papéis de margem dourada em gíria bolsista no começo do século XX. Ela tinha em seu poder algumas dezenas de mil esterlinas nestas apólices. Apesar das restrições cambiais o governo chileno permitiu a remessa para o exterior do que restava ali da fortuna de Eufrásia. (Catharino, 1992: 223)

O empenho de Eufrásia nos negócios pode ser analisado a partir da sua correspondência com Alberto Guggenheim (janeiro/agosto de 1930),<sup>15</sup> que era seu agente em Paris. Essas cartas foram apensadas ao seu inventário e representam um valioso documento sobre seus negócios na turbulência da crise econômica mundial. Infelizmente não sabemos se ainda existem as cartas enviadas por Eufrásia, as quais poderiam iluminar bem sua faceta de empresária, e portanto temos apenas suas respostas. A primeira carta encontrada é datada de 4 de janeiro de 1930. Alberto Guggenheim envia notícias da Europa, comenta como o *crash* de Wall Street se havia propagado pela economia mundial. Assim se expressou o senhor Alberto:

O mercado está bem melhor. Começa-se a ficar otimista e se o público mostra ainda certa reserva é porque deseja conhecer o resultado da Conferência de Haia antes de tomar posição.

Aliás, V.S. sabe que o Público só compra na alta. O dinheiro é muito abundante. É provável que o Banco de França reduza a taxa dos adiantamentos, o que só pode ser favorável aos negócios. As Mi-

nas de Ouro começam a despertar interesse. Observa-se finalmente que é um negócio em que se pode empregar dinheiro por forma remuneradora. As praças estrangeiras acham-se também mais bem dispostas. Se o plano Young for definitivamente ratificado, a Alemanha será a primeira a beneficiar disso e a melhoria neste país não deixará de influir favoravelmente em toda parte. Em conclusão, penso que montamos o cabo e que podemos aguardar a reanimação dos negócios em geral. Para ser duradoura, deve ela operar seletivamente. Mandei saldar a fatura Chaumet porque não tinha sido paga (...)

A próxima carta de Alberto Guggenheim para Eufrásia, datada de 10 de maio de 1930, continua discutindo a conjuntura mundial e faz interessantes observações sobre as possibilidades de negócios. Vejamos:

Sofremos, ainda uma vez, a influência de Nova York. Ao passo que todas as praças do Continente manifestavam disposições favoráveis, aprouve aos americanos provocar um novo movimento de baixa, precisamente no sábado passado, dia em que Londres e Paris estão fechados. Esta crise de mau humor provinha, sem dúvida, da baixa do cobre que arrastou os títulos da indústria de cobre.

A julgar pelo movimento bolsista no fim da semana, Nova York parece haver reagido porquanto esses valores têm tido muita procura. O empréstimo Young será emitido na segunda quinzena de maio, sob a forma de obrigações de ½%, ao preço de 95%, amortizáveis em 35 anos. É de prever que seja um sucesso e, todavia, eu não aconselho que se tomem essas obrigações, porque minha confiança na Alemanha é muito limitada, estando convencido que ela não cumprirá os compromissos assumidos, e que, dentro de alguns anos, declarar-se-á incapaz de honrar sua assinatura.

Outra carta, datada de 17 de maio de 1930, faz uma breve síntese do movimento financeiro daqueles dias tumultuados da crise.

Nada tenho de interessante a lhe dizer da Bolsa onde o interesse se acha todo concentrado nas operações financeiras que estão em vésperas de se realizar. A emissão das ações do “Banque des Réparations Internationales” provoca descontentamento geral porque ninguém as terá. Os magnatas se apoderaram delas e para as obter é preciso pagar um prêmio de cerca de Frs. 4.500 – por uma ação de Frs. 12.500 –, com um quarto do capital realizado somente. Sendo os seus juros de seis por cento, o rendimento do título, levando em conta o prêmio, é de cerca de 2 ½%. Quanto ao empréstimo Young, não se conhecem ainda as con-

dições da emissão, falou-se a princípio de 5 ½% a 95, parece porém, que se deseja emitir a obrigação acima do par. A Bolsa é hostil a esse negócio por ser de parecer, como já lhe o disse em minha última carta, que a Alemanha procurará, dentro em pouco, fugir aos seus compromissos.

Eufrásia, já doente, no dia 10 de junho de 1930 solicitou a seu amigo Torres Guimarães que escrevesse a seu agente Guggenheim pedindo a lista completa dos seus títulos e valores depositados na Europa e a situação exata da cobrança da dívida do senhor W. Freeman – que havia sumido com títulos que ela havia confiado à sua guarda, como mostra a leitura de sua correspondência. Sua insistência nas cartas trocadas com seu agente para resolver essa pendência demonstra sua preocupação com o encaminhamento adequado de seus negócios. Em 28 de junho desse mesmo ano, seu agente escreveu que os negócios melhoravam, apesar da crise:

A melhoria que se verificou no fim da semana passada, acentuou-se nesta semana, graças às compras ininterruptas de títulos em carteira. Foi, portando, o mercado de operações à vista que arrastou o das operações a prazo e que obrigou o descoberto a efetuar resgates. O mesmo parece haver sucedido em Nova York onde os ataques repetidos dos baixistas acabaram por não produzir mais efeito, graças à intervenção dos bancos. A firmeza muito grande que se manifestou na última parte da sessão da Bolsa ontem, permite bem augurar o que vai ocorrer a seguir. O movimento de reação operar-se-á lentamente, as ocorrências destes últimos tempos têm vitimado muita gente.

Eufrásia, preocupada com seu estado de saúde e provavelmente já preparando o inventário de seu patrimônio, escreveu para o Bank of London & South America Ltda., agência de Antuérpia (Bélgica), solicitando um inventário de suas aplicações. Essas aplicações foram confirmadas por ela em carta de julho de 1930, na qual declara a exatidão dos extratos de suas contas em francos belgas, libras esterlinas e dólares, bem como o extrato dos títulos guardados nos seus cofres. Ainda em julho, lúcida, Eufrásia escreveu pedindo empenho na solução do caso de W. Freeman e sugerindo procurar a mãe desse senhor para resolver o caso o mais rapidamente possível.

Alberto Guggenheim continua escrevendo sobre o estado dos negócios na Europa, naquele verão de 1930, e no dia 12 de julho tem-se o seguinte relato da situação:

Bem que os negócios estejam muito calmos a Bolsa está boa. Os partidos da esquerda tentaram ainda uma vez derrubar o Governo Tardieu mas todos os seus esforços foram em vão. Estamos em véspe-

ras das férias parlamentares e é mais que provável que Tardieu decrete o encerramento da Sessão. Nesse caso teremos a tranqüilidade até a reabertura que é em geral em fins de Outubro. A Bolsa, não tendo mais preocupações políticas poderá trabalhar em simpatia com o estrangeiro onde se manifestam desde alguns dias disposições favoráveis. As notícias de Nova York são também melhores.

A última carta escrita por Alberto Guggenheim apensada no inventário de Eufrásia é datada de 2 de agosto de 1930, e é mais uma peça para demonstrar sua preocupação com seu patrimônio. Ele lhe comunica que está enviando a lista dos títulos comprados depois de 22 de julho de 1930, data da última prestação de contas do banco, até o dia 31 do mesmo mês, e também que estará mandando a lista de Paris. Quanto à dívida do W. Freeman, mostra-se cético quanto ao recebimento, pois é de opinião que este vendeu os títulos que ela lhe havia confiado.

Analisando o *portfolio* de Eufrásia, nota-se que ela tinha interesse nas mais variadas companhias, e as cartas de seu agente dão conta desse interesse pelas oportunidades de acumulação financeira. Eichengreen (2000), analisando a década de 1920, afirma que “os anos 1924 a 1929 foram um período de crescimento econômico e de forte demanda por dinheiro e crédito em todo o mundo”. Essa euforia pode ser melhor avaliada pelos dividendos pagos, em 1928, pelas 1.200 companhias norte-americanas que tinham títulos negociados na Bolsa de Valores no valor de 3,4 bilhões de dólares (Brener, 1998).

Dessa forma, Eufrásia, como uma competente empresária, tinha seu capital financeiro aplicado nessas atividades. É provável que, sendo mulher, tenha optado por permanecer como rentista nas operações do capital financeiro, sem aplicá-lo em atividades produtivas na velha tradição de seu pai.

Seu inventariante calculou o valor do monte do seu inventário em oito mil contos de réis, o que equivalia a 16% dos totais das exportações brasileiras de açúcar para o ano de 1920, e cerca de 15% da dívida do Departamento Nacional de Café no Banco do Brasil em 1933 (Villela e Suzigan, 1973). Portanto, a profissão de milionária escrita no seu atestado de óbito expressava bem sua riqueza.

Assim, a partir de seu inventário, podem-se enumerar as companhias estrangeiras nas quais ela havia feito investimentos fora do Brasil:

a) indústrias extrativas, tais como Angola Diamants, Union Minière du Haut-Katanga, The Shell Transport & Trading Com., Shell Union Oil Corporation, Pétroles Emba Grosny, Trust Franco Belge des Pétroles, Mines d’Aljustel e Charbon Espérance et Bonne Fortune;

b) companhias ferroviárias: Union Pacific Railway, Canadian Pacific Railway, Cairo Electric Railway & Heliopolis Oases, Baltimore & Ohio Railway

Co, Chemins du Fer Sup. Grands Lacs Africains, Chemin du Fer Belges e San Louis-San Francisco Railway Com.

c) indústrias de transformação: Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk Com. e Unilever.

d) bancos estrangeiros: Banque Belge, Banque de Bruxelles, Banque de l'Indo-Chine, Banque Italo-Belge, Banque Belge pour l'Étranger, Banque Fonc. & Immob. Belge-Tunisienne, Banque Liègeoise & Crédit Général Liégeois Réunis, Banque Centrale Anversoise, Banque de Paris et Pays-Bas, Banque des Colonies, Soc. Banque Suisse e Crédit Suisse.

Entre as empresas nacionais e estrangeiras com atuação no território nacional, a diversificação era também extraordinária: bancos, companhias industriais da área têxtil, ferrovias e muitas outras. No Brasil, destacavam-se as ações do Banco do Brasil, Banco Comércio e Indústria de São Paulo, Banco Mercantil do Rio de Janeiro, Companhia América Fabril, Cia. de Fiação e Tecidos Aliança, Cia. Tecelagem de Seda Italo-Brasileira, Companhia Antártica Paulista, Cia. Cantareira e Viação Fluminense, Cia. Docas de Santos, Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Seu testamento pode ser lido como a última peça da trajetória de sua emancipação. Sua fortuna foi cuidadosamente distribuída entre seus humildes servidores e a população pobre de Vassouras, na forma de uma distribuição de dinheiro e da criação de instituições educativas e um hospital. Uma menor quantia foi dada aos pobres do quarteirão da rua Bazanno, em Paris. Foram seus inventariantes Antônio José Fernandes Júnior, o ministro Raul Fernandes e o coronel Júlio Correa e Castro; no estrangeiro, os dois primeiros e mais Antônio Cândido Torres Guimarães. Seu testamento deixava como herdeiros a Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, o Instituto das Missionárias do Sagrado Coração e o Colégio Salesiano de Santa Rosa de Niterói, sendo que os dois últimos tinham como incumbência fundar dois colégios para meninas e meninos pobres, cada um mantendo cinquenta órfãs e órfãos para uma educação completa, e outros mais, desde que pagassem contribuições.

Legados menores foram deixados para a Fundação Osvaldo Cruz, seus criados, seu agente em Paris e alguns primos.

Várias impugnações foram feitas a esse testamento, sobretudo por parte de suas primas Umbelina e Cristina, respectivamente a baronesa de São Geraldo e viscondessa de Taunay, que acusaram-na de incapacidade para discernir devido à idade e à doença. No entanto, a leitura da sua correspondência nesses últimos meses que antecederam a sua morte demonstra que ela estava lúcida e capaz de gerir seus negócios, apesar dos seus oitenta anos de idade e da doença. Todas essas tentativas foram frustradas, e a vontade de Eufrásia foi integralmente concretizada.

## Conclusão

Este artigo é uma contribuição para a construção da memória das mulheres brasileiras. Não temos a pretensão de fazer uma biografia de Eufrásia Teixeira Leite, uma mulher da elite escravocrata cafeeira, que, de posse de um grande patrimônio, que não se constituía de terras nem de ativos produtivos, mas de capital financeiro, soube administrá-lo e multiplicá-lo, com muita maestria, no circuito mercantil internacional. Não foram destacados neste trabalho aspectos da vida particular de Eufrásia, como o seu conhecido romance com Joaquim Nabuco. Nosso objetivo, como disse o título, é a apresentação da faceta de uma mulher rica que, tendo nascido no interior rural do Brasil, ingressou no mundo do capital financeiro, administrando e fazendo progredir os seus negócios. Seus primos e primas, baronesas e viscondessas, sofreram com a decadência da produção cafeeira e certamente viveram lastimando e sentindo uma certa inveja da prima rica que morava em um palacete em Paris, com muitas obras de arte, peles, jóias, móveis e quadros. A análise de dois momentos da vida de Eufrásia, quando herdou seu patrimônio e quando se fez o seu inventário, permite concluir que ela teve um grande sucesso como rentista e foi pioneira na gestão de um *portfolio* de títulos e ações. Isso foi um ato notável para uma mulher que nasceu em 1850. Ao morrer, em 1930, sua fama de mulher rica era tão expressiva, como dissemos, que a sua qualificação no atestado de óbito dava como profissão milionária. Seus bens inventariados somavam um monte de cerca de oito mil contos de réis, para um patrimônio herdado pelas duas irmãs de aproximadamente oitocentos contos de réis, expressivo na época e multiplicado no decorrer de sua longa vida. Pode-se concluir que o usufruto da riqueza garantiu a Eufrásia assenhorear-se de seu destino e viver a vida de acordo com seus desejos.

---

## Notas

1. “É com boa razão que os filólogos e médicos afirmaram correta e sucintamente: a mulher não passa de um ventre (...), um útero. A mulher não é um cérebro, é um sexo”. Weber (1988: 112-3).

2. Ver, sobre o conceito de gênero, o artigo de Piscitelli (1997) e o debate organizado por Bessa (1998).

3. Ver Scott (1992); Álvares e Santos (1999) e Soihet (1997: 275-97 e 1998).

4. É claro que essa conclusão não pode ser generalizada, porque individualmente as pessoas fazem escolhas que as podem levar a um maior ou menor enquadramento social. Todavia, as rebeliões femininas aconteceram, como

mostra o comportamento de algumas mulheres da elite, tais como Nisia Floresta, Domitila de Castro e Canto e Veridiana Prado. Mesmo a trajetória de Chica da Silva, no século XVIII, pode ser interpretada por essa hipótese de que a fortuna possibilitou sua ascensão social. Confirmando essa interpretação, ver o artigo de Furtado (2001: 15-53). Também não se pode esquecer que muitas mulheres pobres tinham que trabalhar fora de casa e, para tanto, andavam sós nas ruas, numa época em que tal comportamento era mal visto pela sociedade. Sobre essas mulheres, ver Dias (1984), Esteves (1989) e Soihet (1989).

5. Ver Nizza da Silva em seus inúmeros trabalhos sobre mulher, família e transmissão de bens, destacando-se *Sistemas de casamento no Brasil, Vida privada e quotidiana no Brasil e Brasil colonização e escravidão*.

6. Do inventário de sua avó constam mais de trezentos escravos, mas essa questão não é objeto deste trabalho. Ver Almeida (2001).

7. Joaquim José Teixeira Leite era um dos 11 filhos do barão de Itambé. Deixou apenas as duas filhas inuptas. De seus irmãos Pedro e Custódio também não conhecemos descendentes, mas os seus outros sete irmãos, inclusive o barão de Vassouras (Francisco José Teixeira Leite) que casou-se duas vezes, deixaram enorme descendência, que leva o nome Teixeira Leite. Ver *Museu Casa da Hera* (2000).

8. O pai de Eufrásia teve um papel importante como conselheiro do visconde de Itaboraí na negociação desse empréstimo interno, que foi lançado pelo ministro da Fazenda, visconde de Itaboraí, no valor de trinta mil contos de réis. Era uma tentativa do governo imperial de financiar as despesas com a Guerra do Paraguai, segundo Peláez e Suzigan (1976) guerra que teve um custo

total de cerca de 460.718 contos de réis. O ministro Itaboraí estava receoso do fracasso da operação e ofereceu excessivas vantagens aos tomadores.

O dr. Joaquim José persuadiu o visconde a reduzir essas vantagens, com o argumento de que ele seria um dos primeiros, e não pequeno, tomador desse empréstimo, que ele devia anunciá-lo a 95 e, ainda assim, haveria rateio (Taunay, 1939-41). Ver também *Proposta e relatório apresentados à Assembléia-Geral na primeira sessão da décima quarta legislatura pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, visconde de Itaboraí* (1869).

9. Esse foi o terceiro Banco do Brasil, projeto do visconde de Itaboraí, criado pela lei de julho de 1853, com carta patente com o prazo de trinta anos e um capital de trinta mil contos. No início da década de 1870, esse era um dos principais bancos do país, detinha metade dos depósitos de todos os bancos de responsabilidade limitada e liderava o sistema de crédito do Brasil, era de propriedade e administração privadas, mas atuava como agente fiscal do Tesouro Nacional. Além da sede na cidade do Rio de Janeiro, tinha uma filial em São Paulo, e a maioria dos seus empréstimos foi para a praça da cidade do Rio de Janeiro e o vale do Paraíba. Com ligações comerciais com o visconde de Itaboraí, é natural que Joaquim José realizasse seus negócios com essa casa bancária. Essa relação também explica a rede de atuação desse banco no vale do Paraíba, onde a família Teixeira Leite era muito influente. Esses vínculos permaneceram com as herdeiras de Joaquim José, e esse banco foi uma das instituições de crédito utilizadas por elas para manutenção de seus negócios. Esse Banco do Brasil teve uma longa vida, operava ainda na década de 90 do século XIX, nesses anos foi incorporado, e dessa junção nasceu o Banco da República do Brasil, até que a crise bancária de 1900 provocou sua falência. Mas, do seu espólio

organizou-se, em 1906, o atual Banco do Brasil. Aparentemente, Eufrásia foi cliente desse banco ao longo de todo o tempo de sua existência, e permaneceu no futuro Banco do Brasil de 1906. Ver Schulz (1996).

10. Essa viagem teve um grande impacto na vida de Eufrásia, pois nela travou conhecimento com o famoso político brasileiro Joaquim Nabuco, com quem viveu um tumultuado romance durante cerca de 14 anos. A paixão dos dois gerou muitas lendas e histórias sobre amores impossíveis. Ambos solteiros na época, nunca se casaram. Joaquim Nabuco chegou a comunicar à sua família sua intenção de se casar com Eufrásia quando o navio aportou em Lisboa naquele ano. Ela, apesar de emancipada (23 anos) e herdeira de uma fortuna devido à morte dos seus pais, não contraiu matrimônio com Joaquim Nabuco e com nenhum outro.

11. O inventário de Eufrásia Teixeira Leite compõe-se de cerca de trinta volumes.

12. Forma pública de uma procuração apensada ao inventário que foi concluído em 27 de maio de 1873.

13. Nesta avaliação, não estamos fazendo nenhuma correção monetária, são valores correntes. O inventariante de Eufrásia foi o dr. Raul Fernandes, que sempre demonstrou preocupação em estabelecer o valor total dos bens devido à variação dos valores nos mercados financeiros. Ver Inventário de Eufrásia Teixeira Leite (1930: v. 3).

14. Agradecemos ao dr. Elysio Belchior a informação sobre o nome atual da rua 4 de Setembro.

15. Inventário de Eufrásia Teixeira Leite (1930: v. 3). Essas cartas estão originalmente escritas em francês e foram traduzidas no processo de inventário por tradutor juramentado (o português foi atualizado pelas autoras). Agradecemos ao funcionário Magno da Costa, do CDH, a cópia manuscrita de todas as cartas, já que não há serviço de microfilmagem, nem é permitida a fotocópia dos documentos citados.

## Referências bibliográficas

### *Fontes primárias*

Brasil, Ministério dos Negócios da Fazenda. Vários relatórios. Biblioteca do IHGB.

Inventário de Eufrásia Teixeira Leite. 1930. V.1, 2 e 3. Centro de Documentação Histórica. (CDH). Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras, RJ, Brasil.

Inventário de Joaquim José Teixeira Leite. 1972. Centro de Documentação Histórica. (CDH), Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras, RJ, Brasil.

Testamento de Joaquim José Teixeira Leite. 1872. Livro 29. Centro de Documentação Histórica. (CDH). Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras, RJ, Brasil.

### *Fontes secundárias*

ABREU, Marcelo de Paiva. 1985. "A dívida pública externa do Brasil, 1824-1931". *Estudos Econômicos*, v. 15, n. 2, mai./ago. p. 167-89.

AGUIAR, Neuma (org.). 1997. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde*

- a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos.
- ALMEIDA, Ana Maria Leal. 2001. "Da roça e da casa: a mulher escrava em Vassouras no século XIX". Vassouras, Universidade Severino Sombra, Programa de Mestrado em História (dissertação de mestrado).
- ALVARES, Maria Luiza Miranda & SANTOS, Eunice Ferreira dos (orgs.). 1999. *Olhares e diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém, GEPEM/CFCH/UFPA, REDOR,N/NE.
- ANDRADE, Ana Isabel & REGO Carmem. *Catálogo da correspondência de Joaquim Nabuco, 1865-1884*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco.
- BADINTER, Elisabeth. 1980. *L'amour en plus: histoire de l'amour maternel XVIIe-XXe siècles*. Paris, Flammarion.
- . 1993. *XY – Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BESSA, Karla Adriana Martins (org.). 1998. *Trajetórias do gênero, masculinidades... Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, v. 11.
- BRENER, Jayme. 1998. *1929: A crise que mudou o mundo*. São Paulo, Ática.
- CATHARINO, Ernesto José Coelho Rodrigues. 1992. *Eufrásia Teixeira Leite: fragmentos de uma existência*. 2ª ed. Vassouras, Autor.
- DIAS, Maria Odila. 1984. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense.
- EICHENGREEN, Barry. 2000. *A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional*. Rio de Janeiro, 34.
- ESTEVES, Martha. 1989. *Meninas perdidas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. 1977. "A crise dos comissários de café do Rio de Janeiro". Niterói, UFF, Departamento de História (dissertação de mestrado).
- FURTADO, Júnia Ferreira. 2001. "Chica da Silva: o avesso do mito", em BRUSCHINI, C. & PINTO, C. R. (orgs.). *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/34.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. 1999. *História social da criança abandonada*. São Paulo, Hucitec.
- Mulheres fluminenses do Vale do Paraíba*. 2001. Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, Governo do Estado do Rio de Janeiro.
- MACHADO, Lielza Lemos. 1994. *Imagens de Vassouras*. Vassouras.
- MELO, Hildete Pereira de & MARQUES, Teresa Novaes. 2001. "A partilha da riqueza na ordem patriarcal". *Revista de Economia Contemporânea*, IE/UF RJ, v. 5, n. 2, jul./dez. (Publicado também em *Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia da Associação Nacional de Centro de Pós-Graduação em Economia (ANPEC)*, Salvador, dez. 2001).
- MEAD, Margareth. 1971. *Macho e fêmea*. Petrópolis, Vozes.
- MEXIAS, Maria Inês. 2001. "As representações do discurso feminino no século XIV: Chaucer". Vassouras, Universidade Severino Sombra, Programa de Mestrado em História (dissertação de mestrado).
- Museu Casa da Hera*. 2000. Minc/Iphan.
- NAZZARI, Muriel. 2001. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NOGUEIRA, Denio. 1988. *Raízes de uma nação. Um ensaio de história sócio-econômica comparada*. Rio de Janeiro, Forense Universitária/Universitária Santa Úrsula.

- PASSOS, Elizete. 1999. "Gênero e identidade", em ALVARES, Maria Luiza Miranda & SANTOS, Eunice Ferreira dos (orgs.). *Olhares e diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, REDOR-N/NE.
- PERROT, Michelle (ed.). 1984. *Une histoire des femmes est-elle possible?* Marselha-Paris, Rivages. 227 p.
- PELÁEZ, Carlos Manuel & SUZIGAN, Wilson. 1976. *História monetária do Brasil*. 2ª ed. Brasília, UnB.
- PISCITELLI, Adriana. 1997. "Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas", em AGUIAR, N. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos. p. 49-66.
- SAMARA, Eni de Mesquita. 1989. *As mulheres, o poder e a família. São Paulo, século XIX*. São Paulo, Marco Zero.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. 1992. *Vida privada e quotidiana no Brasil*. Lisboa, Estampa.
- . 2000. *Brasil, colonização e escravidão*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SCHULZ, John. 1996. *A crise financeira da abolição (1875-1901)*. São Paulo, Edusp.
- SCOTT, Joan. 1992. "História das mulheres", em BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Unesp.
- SOIHET, Rachel. 1989. *Mulheres pobres e ordem urbana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- . 1997. "História das mulheres", em CARDOSO, Ciro Flamariom & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro, Campus.
- . 1998. "História das mulheres e história de gênero: um depoimento", em BESSA, Karla Adriana Martins (org.). 1998. *Trajetórias do gênero, masculinidades... Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, v. 11.
- SWEIGART, Joseph E. 1987. *Coffee factorage and the emergence of a brazilian capital market, 1850-1888*. Nova York e Londres, Garland Publishing.
- TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 1939-41. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café.
- VILLELA, Annibal & SUZIGAN, Wilson. 1973. *Política do governo e crescimento da economia brasileira - 1889-45*. Rio de Janeiro, Ipea/INPES (Série Monográfica, 10).
- WEBER, Eugen. 1988. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras.
- (Recebido para publicação em novembro de 2001)